

32. JESUS CRISTO FOI SEPULTADO



624-630

INTRODUÇÃO

O tema dos parágrafos propostos para o nosso estudo está ligado ao tema dos parágrafos 631-637 (“Jesus Cristo desceu aos infernos”).

Verbo encarnado, Jesus Cristo é homem e Deus. E Ele realmente morreu. Sendo verdadeira a encarnação, verdadeira é a morte de Jesus. Não se trata de aparência, mas de realidade.

O que é a morte? Segundo a antropologia cristã, a morte é a separação da alma e do corpo. Esse é o estado de morte no qual Jesus Cristo permaneceu desde o momento em que expirou na cruz até o momento em que ressuscitou. Dessa forma, o Catecismo da Igreja Católica trata os mistérios da sepultura e da descida aos infernos separadamente: Jesus Cristo em seu corpo foi sepultado (624-630) e em sua alma desceu aos infernos (631-637).

A morte de Jesus Cristo é portanto essencialmente igual à nossa. Há, porém, uma diferença: a separação ocorre entre a alma e o corpo de Jesus, não entre a humanidade e divindade de Cristo. O cadáver de Jesus não é qualquer um, assim como sua alma, separada do corpo, não é uma qualquer: o seu corpo morto é descido à sepultura, mas não está separado da pessoa do Filho; a sua alma unida à sua pessoa divina desce à morada dos mortos como Salvador das almas dos justos que ali O aguardam para serem libertadas.

Os parágrafos que vamos estudar dizem respeito à morte real que Jesus Cristo experimentou em seu corpo.

TEXTO 624-630

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

ARTIGO 4: JESUS CRISTO PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS, FOI CRUCIFICADO, MORTO E SEPULTADO

PARÁGRAFO 3: JESUS CRISTO FOI SEPULTADO



624. «Pela graça de Deus, ele experimentou a morte, para proveito de todos» (Hb 2,9). No seu plano de salvação, Deus dispôs que o seu Filho, não só «morresse pelos nossos pecados» (1Cor 15,3), mas também «saboreasse a morte», isto é, conhecesse o estado de morte, o estado de separação entre a sua alma e o seu corpo, durante o tempo compreendido entre o momento em que expirou na cruz e o momento em que ressuscitou. Este estado de Cristo morto é o mistério do sepulcro e da descida à mansão dos mortos. É o mistério do Sábado Santo, em que Cristo, depositado no túmulo, manifesta o repouso sabático de Deus depois da realização da salvação dos homens, que pacifica todo o universo.

Parágrafos relacionados: 362, 1005, 343.

O CORPO DE CRISTO NO SEPULCRO

625. A permanência do corpo de Cristo no túmulo constitui o laço real entre o estado passível de Cristo antes da Páscoa e o seu estado glorioso atual de ressuscitado. É a mesma pessoa do «Vivente» que pode dizer: «Estive morto e eis-Me vivo pelos séculos dos séculos» (Ap 1,18):

«É este o mistério do desígnio de Deus acerca da morte e da ressurreição dos mortos: se Ele não impediu que a morte separasse a alma do corpo, segundo a ordem necessária da natureza: mas juntou-os de novo um ao outro pela ressurreição, a fim de *ser Ele próprio na sua pessoa o ponto de encontro da morte e da vida*, suspendendo em Si a decomposição da natureza produzida pela morte e tornando-Se, Ele próprio, princípio de reunião para as partes separadas».



626. Uma vez que o «Príncipe da Vida», a quem deram a morte, é precisamente o mesmo «Vivente que ressuscitou», é forçoso que a pessoa divina do Filho de Deus tenha continuado a assumir a alma e o corpo, separados um do outro pela morte:

«Embora Cristo, enquanto homem tenha sofrido a morte e a sua santa alma tenha sido separada do seu corpo imaculado, nem por isso a divindade se separou, de nenhum modo, nem da alma nem do corpo: e nem por isso a Pessoa única foi dividida em duas. Tanto o corpo como a alma tiveram existência simultânea, desde o início, na Pessoa do Verbo; e, apesar de na morte terem sido separados, nenhum dos dois deixou de subsistir na Pessoa única do Verbo».

Parágrafos relacionados: 470, 650.

«NÃO DEIXAREIS O VOSSO SANTO SOFRER A CORRUPÇÃO»

627. A morte de Cristo foi uma verdadeira morte, na medida em que pôs fim à sua existência humana terrena. Mas por causa da união que a Pessoa do Filho manteve com o seu corpo, este não se tornou um despojo mortal como os outros, porque «não era possível que Ele ficasse sob o domínio» da morte (At 2,24) e, por isso, «o poder divino preservou o corpo de Cristo da corrupção». De Cristo pode dizer-se ao mesmo tempo: «Foi cortado da terra dos vivos» (Is 53, 8) e: «A minha carne repousará na esperança, porque Tu não abandonarás a minha alma na mansão dos mortos, nem deixarás que o teu santo conheça a corrupção» (At 2, 26-27). A ressurreição de Jesus «ao terceiro dia» (1Cor 15,4; Lc 24,46) era disso sinal, até porque se julgava que a corrupção começava a manifestar-se a partir do quarto dia.

Parágrafos relacionados: 1009, 1683.



«SEPULTADOS COM CRISTO...»

628. O Batismo, cujo sinal original e pleno é a imersão, significa eficazmente a descida ao túmulo, por parte do cristão que morre para o pecado com Cristo, com vista a uma vida nova. «Fomos sepultados com Ele, pelo Batismo, na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6,4).

Parágrafos relacionados: 537, 1215.

Resumindo:

629. *Para benefício de todos os homens, Jesus experimentou a morte (526). Foi, de verdade, o Filho de Deus feito homem que morreu e foi sepultado.*

630. *Durante a permanência de Cristo no túmulo, a sua pessoa divina continuou a assumir tanto a alma como o corpo, apesar de separados entre si pela morte. Por isso, o corpo de Cristo morto «não sofreu a corrupção» (At 13,37).*



Revisando temas

Começamos nos perguntado: é realmente necessário que no Símbolo da fé conste explicitamente que Jesus foi sepultado? Não é algo óbvio que um morto seja sepultado? Trata-se apenas de um pormenor sem importância para a fé?

Os escritos do NT não consideram absolutamente a sepultura de Jesus como um acontecimento sem significado. São muitas as informações que o NT fornece sobre o sepultamento.

Enquanto os romanos abandonavam os corpos dos justificados na cruz aos abutres, os judeus faziam questão de que fossem sepultados; havia lugares atribuídos pela autoridade judiciária para isso mesmo. Nesse sentido, o pedido de José entra nos costumes judiciais judaicos. Marcos refere que Pilatos se admirou de que Jesus já tivesse morrido e que, primeiro, interpelou o centurião sobre a verdade de tal notícia. Depois da confirmação da morte de Jesus, entregou o corpo de Jesus ao membro do conselho (cf. 15,44-45). Sobre a própria deposição no túmulo, os evangelistas transmitem-nos uma série de informações importantes. Primeiramente, sublinha-se que José foi pôr o corpo do Senhor num sepulcro novo, de sua propriedade, no qual ainda ninguém fora sepultado (cf. Mc 27,60; Lc 23,53; Jo 19,41). Nisto exprime-se um respeito profundo para com esse defunto (...). Além disso, é importante a notícia de que José de Arimatéia comprou um lençol com o qual envolveu o defunto (...). Por fim, João nos narra que Nicodemos trouxe uma mistura de mirra e aloés com “cerca de cem libras”. E continua: “Eles tomarão então o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar” (19,39-40). A quantidade dos perfumes é extraordinária e supera toda a medida comum: é uma sepultura real (RATZINGER, J. Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 206).

Com efeito, o sepultamento é um dado fundamental importante para a nossa fé em Jesus Cristo. Ela não seria completa se considerássemos o fato de que Jesus foi sepultado como mero detalhe sem significado salvífico.

Nesse sentido, é oportuno ouvir o que São Paulo proclama: “eu vos transmiti o que eu mesmo tinha recebido, a saber: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, **foi sepultado** e, ao terceiro dia, foi ressuscitado, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4).

Sob a pedra da aparente banalidade, este sepultamento encerra o Mistério da nossa salvação.

O mistério sublinhado por esta sepultura é que Jesus é, de fato, um homem como nós. Como todos nós, Jesus sofreu a morte, e seu cadáver foi deposto em um sepulcro, no qual permaneceu até sua ressurreição ao terceiro dia. É verdade que outros artigos do Credo proclamam o mesmo mistério: a concepção no seio da Virgem Maria, o nascimento, o padecimento e a morte.

A sepultura, porém, afirma de maneira ainda mais clara que Jesus, sem deixar de ser verdadeiro Deus, se fez verdadeiro homem. Afinal, ninguém pode sepultar um anjo, um demônio, um fantasma, uma aparência, uma idéia, uma alma... Ora, Jesus foi sepultado porque é corpo de homem morto. O seu cadáver é deposto na terra, e isso constitui o último ato da sua encarnação. A sua carne assumida se torna cadáver e por isso é enterrado.

O Catecismo da Igreja Católica aponta, porém, para uma outra realidade do mistério. *Durante a permanência de Cristo no túmulo, a sua pessoa divina continuou a assumir tanto a alma como o corpo, apesar de separados entre si pela morte* (630).

De fato, os relatos da sepultura de Jesus, em sua simplicidade, transmitem um fato admirável: no estado de morte, o Filho de Deus é e continua sendo um só com o corpo sepultado. A sua encarnação chega assim ao seu ponto mais profundo e também mais alto, pois uma vez que Ele, no seu corpo, participa da sorte de todos os que morrem (um cadáver que é enterrado), se torna, a partir dessa profundidade da morte, o primogênito de toda a criatura. A salvação trazida por Cristo não é uma ação extrínseca. Ela é realmente dom de Deus que age a partir de dentro, assumindo para salvar. Jesus é o primogênito dentre os mortos (Cl 1,15s) exatamente porque realmente sofre a morte, porque o Filho unido ao seu corpo morto é sepultado.

